



Departamento de Sociologia

A reconfiguração da identidade em contexto de integração
O caso dos estudantes angolanos de 2º e 3º ciclo de ensino superior no ISCTE-IUL

Martinho Bangula Katúmua

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia

Orientador:

Doutora Susana da Cruz Martins

Professora Auxiliar do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Lisboa, Janeiro de 2014

Reconfiguração da identidade em contexto de integração
O caso dos estudantes angolanos de 2º e 3º ciclo de ensino superior no ISCTE-IUL

Martinho Bangula Katúmua

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia

Orientador

Doutora Susana da Cruz Martins

Professora Auxiliar do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Lisboa, Janeiro de 2014

PRÓLOGO

“Até hoje fui sempre futuro”.

Almada Negreiros (1893 – 1970)

AGRADECIMENTOS

Não podendo agradecer a todos, agradeço:

Aos meus pai, representantes de DEUS na terra, pela bênção e proteção;

À Professora Susana da Cruz Martins, minha orientadora sempre disponível – pelas sábias orientações;

Aos meus professores, em especial ao professor José Luís Casanova, pelo acompanhamento e conselhos dados ao longo deste mestrado;

À Dona Esmeralda Cruz Neto, pela confiança e todo apoio prestado;

Aos Doutores Bonifácio Tchimboto, António Amândio e ao Engenheiro Mário Rui pela incondicional aposta e, por verem em mim a “continuidade” do projeto do Instituto Superior Politécnico Jean - Piaget de Benguela;

Aos familiares e amigos que privei do meu convívio pela compreensão;

Aos meus colegas do ISCTE-IUL, especialmente os angolanos cujo contributo, com as suas entrevistas foi decisivo para a concretização deste trabalho.

À vida que deixei suspensa no limbo do tempo.

RESUMO

Esta dissertação teve como objectivo a identificação das estratégias de integração dos estudantes angolanos matriculados no 2º e 3º ciclo de ensino superior no ISCTE-IUL e compreender a sua influência na reconfiguração das suas identidades.

Utilizou-se a entrevista como técnica para a recolha das informações, que foram analisadas à luz da literatura consultada. Foi possível identificar, três tipos de estratégias: fechamento, abertura e híbrida. Concluiu-se que as identidades destes estudantes são reconfiguradas de forma segmentada e em graus variados, conforme a orientação das suas redes de sociabilidades e, que os mesmos enfrentam dificuldades de integração. Não se verificou forte imbricação entre as estratégias e as principais características sociográficas dos entrevistados.

Palavra-chave:

Angolanos, estratégias, estudantes, identidades, universidade.

ABSTRAT

This thesis aimed to identify strategies for integrating Angolan students enrolled in the 2nd and 3rd cycle of higher education in the University Institute of Lisbon and understand its influence in reconfiguring their identities.

We used the interview as a technique for the collection of data that were analyzed according to the literature. It was possible to identify three strategies: closing, opening and hybrid. It was concluded that the identities of these students are reconfigured in a segmented way and to varying degrees, depending on the orientation of their networks of sociability and they face difficulties of integration. There was not found strong overlap between the strategies and sociographic main characteristics of respondents.

Keywords:

Angolan setting, strategies, students, identities, university.

Índice

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	12
1.1 - Migração	12
1.2- Integração.....	12
1.3- Integração de minorias nas organizações.....	13
1.4 - Integração das minorias nas universidades	14
1.5 - Sociabilidades	15
1.6 - Configuração da identidade	17
CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO	19
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	21
3.1- Modelo de análise	21
3.2 - Estratégias e técnicas de recolha de informação	22
3.3 - Caracterização da amostra dos entrevistados.....	23
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DA INFORMAÇÃO E DOS RESULTADOS	24
4.1 - Contexto de interação com Portugal e o ISCTE	24
4.2 - Construções sobre Portugal e o ISCTE: do colonizador e da Europa desenvolvida.....	25
4.3 - Redes de sociabilidades: em busca do semelhante	27
4.4 - Estratégias de integração: fechamento ou abertura?	30
4.4.1- O fechamento dos resistentes.....	31
4.4.2 - A abertura dos permeáveis.....	34
4.4.3 - O hibridismo atípico	38
CONCLUSÕES	42
BIBLIOGRAFIA	46
ANEXOS	Erro! Marcador não definido.

Índice das figuras

Modelo de análise20

Índice dos anexos

Guião da entrevista.....I

Grelha de análise.....III

Currículo do candidato.....IV

Ficha de identificação dos entrevistadosV

INTRODUÇÃO

A imigração de estudantes angolanos em Portugal remonta aos meados do século passado, com a casa dos estudantes do império onde se formaram os primeiros quadros angolanos¹.

Atualmente, uma nova geração de estudantes angolanos, emigra para Portugal em busca de formação superior, principalmente, ao nível dos cursos de mestrado e doutoramento, após ter feito toda anterior escolarização em Angola.

Tendo em atenção as múltiplas diferenças existentes, quer ao nível dos currículos de formação de base, intermédia e de graduação, quer a nível da cultura dos povos, em geral, e cultura universitária, em particular, julgamos pertinente compreender em que medida as demandas geradas pelos processos de integração se refletem na reconfiguração da identidade dos estudantes angolanos a frequentar o 2º e 3º ciclo de ensino no ISCTE-IUL.

De modo geral, estes estudantes efetuaram todo seu percurso académico e já exercem ou exerceram atividades profissionais em Angola. Por este facto, partimos do princípio que são portadores de um conjunto de valores identitários adquiridos e consolidados ao longo deste percurso. Com o seu ingresso no ISCTE-IUL, estes valores são confrontados com “outros valores”, com os “valores da nova comunidade”, numa realidade e circunstâncias diferentes face às suas anteriores experiências académicas.

A observação de possíveis alterações às identidades destes estudantes torna-se mais interessante em função do seu perfil sociodemográfico e ocupacional: geralmente mantêm ativos os laços com o país de origem, por via das relações familiares ou profissionais, resultando, muitas vezes, em deslocações regulares. Este facto, *a priori*, tenderá a originar dificuldades de articulação com um conjunto de atividades concorrentes à promoção da integração, por exemplo a participação em eventos extracurriculares (conferências, palestras e festas) e constituição de redes de sociabilidades mais estáveis suscetíveis de catalisar a integração ao ISCTE-IUL, suavizando as múltiplas diferenças existentes.

Diante deste quadro, o presente estudo pretende, por um lado, identificar e explicitar as estratégias de integração adotadas pelos estudantes angolanos, visando a sua própria

¹ A Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi fundada em 1944. De acordo com Castelo “*os estudos gerais universitários em Luanda e em Lourenço Marques datam de 1962 e só, em 1968, passam a universidades. Os jovens naturais ou residentes nas possessões coloniais, que quisessem tirar um curso superior e tivessem possibilidades económicas para tal, tinham que deixar as suas terras e demandar Lisboa, Coimbra ou Porto, cidades onde, em muitos casos, não tinham parentes ou qualquer espécie de retaguarda*” (Castelo,2010:5)

integração, enquanto minoria, e compreender em que medida elas se refletem na “reconfiguração das identidades” (COSTA, 2002: 16).

Esta dissertação assume-se como sendo de carácter exploratório, na medida em que, não procura medir os níveis de integração dos estudantes angolanos através de instrumentos previamente concebidos ou por meio de testes de hipóteses. Propõe-se, tão-somente, explorar um primeiro quadro das relações existentes entre a identidade de uma minoria de estudantes e as demandas de integração geradas nos diversos níveis da vida social e académica.

Para uma melhor apresentação, esta dissertação está organizada em quatro capítulos que, sendo distintos, complementam-se. No primeiro apresenta-se e discute-se uma proposta teórica e conceptual que orienta toda atividade empírica. No segundo capítulo procede-se a caracterização do universo ou referente empírico, como forma de situar a temática numa realidade organizacional concreta e demonstrar a sua pertinência. O terceiro capítulo é dedicado a explicitação do modelo de análise e das opções metodológicas julgadas mais apropriadas ao alcance dos objetivos desta dissertação. As informações recolhidas e processadas são analisadas no quarto capítulo, ao qual seguem as conclusões onde se procura dar conta dos principais resultados alcançados. Esta dissertação possui, finalmente, o conjunto das fontes bibliográficas utilizadas para a sua elaboração.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo procuramos analisar e operacionalizar os principais conceitos de ancoragem do presente estudo, bem como apresentar algumas das diferentes perceções e perspetivas de abordagem seguidas por vários autores, em relação a temática em discussão.

1.1 - Migração

O tema em estudo, embora esteja mais diretamente ligado aos processos de reconfiguração das identidades dos indivíduos em minorias nas organizações, inscreve-se igualmente, no âmbito dos processos migratórios, na medida em que, todo o indivíduo que se encontra a residir no *estrangeiro*, ou seja, num país de onde não é nacional, por razões de estudos é considerado imigrante, ainda que temporariamente. O conceito de imigração proposto por Eisenstadt (1954) abarca duas dimensões substantivas do ato migratório: o espaço físico, enquanto realidade territorial para o qual o indivíduo se desloca, por um período relativamente longo, excluindo-se deste modo as deslocações mais efémeras, e o espaço social enquanto conjunto de disposições que configuram uma realidade autónoma e parametrizada (cf. Pires, 2003).

Portanto, a imigração ocorre sempre que se dá uma deslocação entre espaços físicos e sistemas sociais diferentes, em consequência da qual resultam processos de desintegração e integração.

1.2- Integração

A utilização do conceito de integração está presente, desde os primórdios da sociologia, nas suas principais abordagens, sejam elas de cunho acionalistas ou estruturalistas. Os sociólogos usam, geralmente, este termo para se referirem a fenómenos que se dão em planos diferentes. No plano micro aludem ao modo como os atores são incorporados num espaço social de partilha e no plano macro designam as formas de compatibilização dos vários sistemas sociais (Pires,1999:9).

De acordo com Rui Pena Pires, a integração de imigrantes é feita através da interiorização dos mecanismos de participação na ordem interativa. Esta reparametrização pode ser feita por duas vias: incorporando-se em quadros de interação autóctones ou participando em novos quadros construídos pelos próprios imigrantes (Pires,2003:95). Entendemos que, mesmo que os indivíduos, numa primeira fase, sigam pela segunda via de integração, esta tenderá a funcionar mais como uma catapulta para a progressiva integração em quadros de interação

dos autóctones, do que como uma via definitiva de integração. Porque a integração pressupõe entrosamento e partilha com o todo e não apenas com uma parte do todo, que representam os quadros dos imigrantes.

Porém, o acesso a estes quadros não se dá de forma automática. Processa-se em ciclos próprios e obedece a uma graduação. Machado (2002) – retomando analiticamente os contributos de Park (1920) e Dessotto (1990) – aponta três fases para o ciclo migratório: inscrição na sociedade de acolhimento, estabilização e sedentarização e a co-inclusão societal. Os imigrantes chegam ao fim deste ciclo três ou quatro décadas depois. Após confrontar a teoria com dados oficiais disponíveis, na altura, o autor concluiu que, dos imigrantes dos PALOP, somente os caboverdianos haviam alcançado a segunda fase deste ciclo e nenhuma outra nacionalidade atingira a terceira fase em que, “os imigrantes passam a ser olhados como membros efetivos da sociedade” (Machado, 2002:11-14).

1.3- Integração de minorias nas organizações

Existem diferentes propostas teóricas, no âmbito da sociologia, que nos ajudam a compreender a problemática das minorias. Entre elas, estão as abordagens culturalistas, construtivistas e estruturalistas. As duas últimas evidenciam os factores de natureza económica e política na construção de minoria étnica, para os processos de formação do racismo, do preconceito e da discriminação. Por sua vez, a primeira ancora-se nas questões da agência e dinâmicas individuais.

Sem prejuízo das demais conceções, a nossa compreensão de integração de minorias em contexto organizacional está em linha com a de Perotti (citado por Pinto,2007) para quem “*o conceito de integração opõe-se à noção de assimilação e indica a capacidade de confrontar e de trocar - numa posição de igualdade e de participação - valores, normas, modelos de comportamento, tanto da parte do imigrante, como da sociedade de acolhimento*” (Pinto, 2007:51).

De acordo com Vieyetz podemos afirmar estar diante de uma minoria sempre que estivermos em presença de um grupo de indivíduos com características comuns e que são diferentes da maioria da população (Vieyetz,2011:59). Trata-se, portanto de um conceito relacional, ou seja, a integração é, via de regra, colocada na relação entre a cultura de uma minoria (a integrar-se) e a cultura do grupo dominante (de acolhimento).

A este respeito, Sónia Pinto (2007) defende que a integração deve ser vista como um processo dinâmico no qual os grupos, maioritários e minoritários, se ligam e partilham da mesma organização social (designadamente, a escola) fomentando o respeito mútuo pelas identidades

sociais e culturais de cada ser (Pinto, 2007:59). O confronto entre estas diferentes identidades levará a que os indivíduos recorram a estratégias próprias com vista, não unicamente, à preservação da sua identidade mas, e sobretudo, a ser bem-sucedido dentro da nova organização. Ao optarem pelos diversos expedientes de integração é, no fundo, com as suas identidades que os indivíduos estão a mexer. Partindo do princípio que as identidades não se constroem por justaposição ou compartimentação, mas por referência e recomposição. É de reconfiguração da identidade dos indivíduos que falamos quando nos referimos à sua integração em minoria às universidades.

1.4 - Integração das minorias nas universidades

As instituições de ensino superior ocupam hoje, na sociedade da informação, um lugar de destaque, na medida que deixaram de ser vistas como espaços bidimensionais (composto por professores e alunos) e passaram a verdadeiros “quartéis” do conhecimento, assumindo através do seu papel ativo no desenvolvimento da tecnologia e difusão do conhecimento (Martins, 2012:60).

Em face disso, não é fácil ignorar o papel destas instituições na atualidade, como urge dedicar uma atenção especial ao estudo das suas dinâmicas internas e das relações que mantêm com os diferentes intervenientes. A universidade, enquanto constructo social, possui uma originalidade que não lhe permite reduzir-se a simples condição de organização, “ são organizações de outra ordem, isto é, instituições têm vida e são sujeitos com identidades e projetos próprios, com possibilidade de autodeterminação” (Pazeto,2007:3).

A respeito da integração em organizações escolares, existem numerosos estudos que se propõem medir os níveis e graus de integração dos estudantes às universidades ou, ainda, estudos-testes de medição da fiabilidade dos instrumentos usualmente empregues nas aludidas medições (Carvalho, 2002;Diniz, 2001; Almeida & Ferreira, 1999; Baker & Siryk, 1989). Estes estudos têm contribuído significativamente para compreensão das questões de integração, embora o seu enfoque seja demasiado centrado na medição, deixando, não raras vezes, escapar alguns elementos de natureza qualitativa igualmente relevantes a compreensão deste fenómeno.

Deste modo, tal como referido na introdução, o nosso foco recai, sobretudo, na compreensão dos processos de reconfiguração das identidades dos indivíduos, quando estes se confrontam com a necessidade de integração em novos e diferentes contextos organizacionais.

As universidades enquanto organizações, caracterizam-se, em regra, pela heterogeneidade dos seus membros a vários níveis. Este facto, por si só, obriga a que se criem mecanismos que possibilitem a mobilização de todos os membros, independentemente das suas particularidades ao projeto comum. Neste quadro, o processo de integração resulta de uma construção compartilhada, pela instituição e pelos estudantes por via do estabelecimento de relações multifacetadas e caracterizadas por trocas de expectativas mútuas, sempre mediadas pelo conjunto de políticas, normas e orientações regulamentares, que garantem a previsibilidade da ação e caráter formal das relações (Polydoro et al., 2011:11).

Assim as universidades apresentam-se como arenas onde a heterogeneidade convive com a busca da harmonização. Trata-se de uma harmonização que não visa aniquilar as diferenças ou tornar todos “iguais” mas, colocar à disposição de todos os seus membros, possibilidades de participação nas diversas dimensões que compõem a vida da universidade, impondo-se, por conseguinte, a necessidade da integração que, segundo Baker & Siryk (1989) se processa em quatro dimensões:

- Ajustamento académico – referente ao conjunto de condições que a instituição coloca a disposição do estudante, para permitir a sua adequada integração nos processos de ensino e aprendizagem;
- Ajustamento relacional-social – relativo ao modo como são tratados as necessidades do plano das relações interpessoais, com os professores e os pares;
- Ajustamento pessoal-emocional – abrange as facetas psicológicas e subjetivas dos estudantes, como a auto estima e o sentimento de ser aceite;
- Comprometimento com a instituição/aderência – Esta dimensão avalia a qualidade dos vínculos estabelecidos a dois níveis. Um micro, relacionado com a qualidade do vínculo entre o estudante e o seu curso e outro mais geral entre o estudante e a instituição.

1.5 - Sociabilidades

De um modo geral, o termo “sociabilidades” designa um conjunto vasto de redes sociais de contactos, através das quais os indivíduos desenvolvem relações e participam em processos de integração e/ou afirmação identitária.

De acordo com Machado (2002), o estudo das sociabilidades em contexto migratório é de fundamental importância para a compreensão dos processos de (re)construção identitária, pois, do maior ou menor contraste cultural com a sociedade de acolhimento, resultará o sentido de orientação das redes de sociabilidades.

A sociabilidade é, aqui, entendida não como significado de uma rede mas, como uma rede de significados, isto é, um espaço interativo onde os círculos de amizades, as relações familiares e profissionais ganham significados e dão significado às orientações identitárias, estabelecendo, deste modo, linhas de fronteira entre diferentes grupos e orientações societárias. A etnicização é uma destas orientações.

A etnicização é abordada, na literatura específica, como uma amálgama de processos através dos quais os imigrantes, em resposta às demandas geradas no novo espaço de acolhimento, constroem as suas identidades. De acordo Pires (2003), a identidade construída por essa via é *“baseada no sentido de pertença a uma comunidade comum, com uma ascendência comum, precedendo, tendencialmente, outras e hetero categorizações sociais e, por isso, proporcionando um sentido de solidariedade que supera, em situações críticas, outras divisões sociais (ideológicas, classistas, de status, sexo, geração...)”* (Pires,2003:100).

A etnicidade em si e por si mesma, deixa de poder explicar, cabalmente, os comportamentos e as escolhas dos imigrantes. Torna-se necessária a combinação certa dos factores atrás referidos, para configurar uma situação de “eticidade forte” (Machado,2002:18)

Afigura-se, igualmente, útil referir que não tomamos os conceitos de etnicização e assimilação como sendo mutuamente exclusivos. Servem apenas de ideais-tipo polares para nosso expediente analítico-metodológico, conscientes de que na realidade poderá existir um contínuo de situações. Embora exista, em aberto, no seio das ciências sociais, o debate sobre a possibilidade de se equiparar ou não o valor da etnicidade ao das outras categorias teóricas, como a de classe social. O conceito de etnicidade tem, ainda assim, as suas virtudes para a compreensão de processos multi e interculturais. Teresa Seabra reconhece a importância da etnicidade, enquanto clivagem social, no domínio da produção de uma fronteira interclassista no que respeita a organização de interesses (Seabra, 1999:13). Nesse sentido serve os intentos da nossa pesquisa.

1.6 - Configuração da identidade

A identidade é simultaneamente uma construção psicológica e sociológica, pois resulta de processos dialéticos e relacionais dos indivíduos com o meio exterior e da interiorização da realidade social. Segundo Guerra (1993), citado por Caldeira (1995), a utilização do conceito de identidade em sociologia evidencia grande complexidade devido ao facto de ser “*difícil a distinção do que é construído pelo indivíduo e aquilo que ele integra como característica do meio exterior*” (Caldeira, 1995:80).

Com facilidade se cai nos discursos sobre a identidade em contexto de migração, sejam eles de cunho político e institucional ou académicos, que incautamente preconizam olhar para identidades, tanto da sociedade de acolhimento como dos imigrantes com sendo homogêneas. Esta perspectiva é, para além de redutora, perigosa e enganosa. Porque ao tomarmos todos por iguais, anulamos a subjetividade e coartamos a liberdade dos atores. Ignoramos a sua capacidade de *agência* e fazemos com que as estruturas se sobreponham como o único factor explicativo, quando na realidade não é bem o que acontece. Em “Adaptação e Adversidade”, Teresa Seabra (2010), socorrendo-se dos resultados de um conjunto de estudos anteriores demonstra como, para o caso dos alunos filhos de imigrantes, os aspetos de ordem estrutural se combinam com os de ordem cultural e social no encaminhamento da integração dos imigrantes. A autora fala em “atributos comunitários” e “forças comunitárias” mais do que continuidades ou ruturas nas formas de socialização para explicar a emergência de formas próprias dos imigrantes incorporarem a realidade social e o seu impacto na afirmação identitária em contexto escolar (Seabra, 2002:85)

No âmbito da análise sociológica, o debate em torno da configuração ou construção da identidade tem assumido diversas abordagens. Estas assentes, basicamente, nos processos e dinâmicas relacionais, configuram dois territórios conceptuais distintos. Um fundado no primado epistemológico da indivisibilidade do indivíduo e outro, que emerge de recursos metodológico-analítico, que fragmentam o indivíduo em termos identitários.

O primeiro território é marcado por concepções de tipo essencialistas, que encaram os processos identitários como sendo, relativamente, imutáveis e independentes da vivência dos indivíduos. Este território começa a ser despovoado, por conta dos inúmeros trabalhos desenvolvidos a nível das ciências sociais que, não só comprovam que a identidade é resultado, sobretudo, de factores exógenos, como demonstram que ela é construída e reconstruída ao longo das diversas fases da vida do indivíduo (Costa, 2002).

Os teóricos deste território (Simmel, 1995;Giddens,1997) consideram que, apenas do ponto de vista analítico, ser possível fragmentar a identidade nas diversas dimensões da existência social dos indivíduos. Deste modo, se pode falar em identidade profissional, étnica e de gênero, por exemplo. Com isto, estes autores não querem, necessariamente, construir um indivíduo fragmentado, pelo contrário apelam que olhemos para o indivíduo como o resultado da soma dos vários fragmentos que o compõem.

Esta composição pode-se dar em três distintos níveis: praxiológico; representacional e imaginário. O primeiro nível abarca o conjunto das práticas sociais dos indivíduos, o segundo nível envolve os quadros de representações e valores sociais e, no terceiro nível se situam os elementos do plano prospetivo do real social, ou seja, é onde se projetam os planos sobre o futuro da identidade (Caldeira,1995:82).

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

Foi escolhido como campo empírico ou de aplicação, para o presente estudo, o ISCTE-IUL que passamos, muito resumidamente, a apresentar.

O Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) é uma instituição pública de ensino superior, fundada em 1972, através do Decreto-lei nº522/72, de 15 de Dezembro. Ao passar, em Maio de 2009, ao regime de fundação pública, a sua denominação alterou-se para Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).

Como instituição de ensino superior o foco da sua atividade recai na produção, transmissão e transferência de conhecimento científico, através das diversas ações de formação que desenvolve e parcerias que mantém com organizações da sociedade. Possui quatro escolas, nomeadamente: *Business School*, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Escola de Ciências Sociais e Humanas e a Escola de Tecnologia e Arquitetura, através das quais ministra 16 licenciaturas, 95 mestrados e 19 programas doutorais.

De acordo com a informação disponibilizada na sua página web oficial, esta instituição possui uma população estudantil cifrada em aproximadamente nove mil estudantes, distribuídos em programas de graduação (52%) e pós-graduação (48%), e um corpo de funcionários composto por 400 docentes e 200 não docentes e tem registado “*uma elevada taxa de empregabilidade dos seus diplomados atingindo, na maioria das áreas, resultados de 100%. Os seus ex-alunos desempenham hoje cargos de alta responsabilidade nas empresas, instituições e funções governamentais. Isto confirma, não só o prestígio da Instituição, como a qualidade do ensino que ministra.*”²

O ISCTE-IUL acolhe, igualmente, quer por via de programas específicos, como o *Erasmus*, quer por via de outros convênios e protocolos, estudantes provenientes de todos os continentes do mundo. Estes estudantes representavam, no ano letivo de 2012/2013, 16% do total do efetivo estudantil. Estes números, em parte, reforçam a pertinência do presente estudo, na medida em que se assiste- à transformação dos públicos do ensino superior, rumo a uma maior heterogeneidade, pelo que se torna necessário compreender os processos de

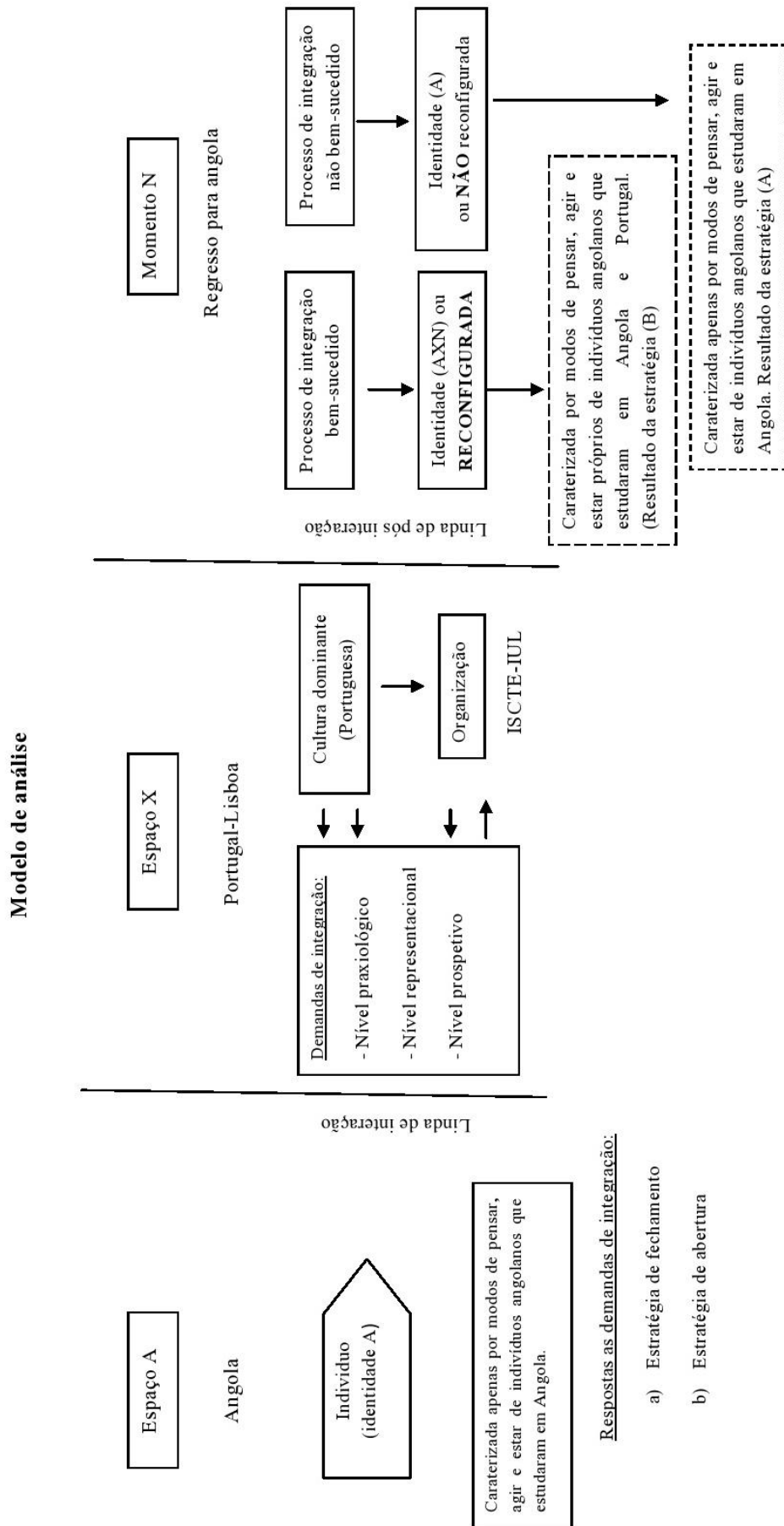
² http://iscte-iul.pt/quem_somos/apresentacao.aspx

integração dos estudantes estrangeiros e seu impacto nas dinâmicas de reconfiguração das identidades.

No ano lectivo de 2013/2014, encontravam-se matriculados 119 cidadãos de nacionalidade angolana, sendo que 103 frequentavam o segundo e 16 o terceiro ciclo de ensino superior

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1- Modelo de análise



Fonte: Criação própria, baseada em Caldeira,1995; Machado,2002 e Pires,2003)

O modelo de análise utilizado foi inspirado nos contributos de Caldeira (1995); Machado (2002) e Pires (2003). Do primeiro adotamos os tipos de dimensões em que se dá a reconfiguração da identidade, enquanto no segundo consideramos a perspetiva das “continuidades e descontinuidades” entre a sociedade de origem e a de acolhimento na definição da orientação das sociabilidades na sociedade de acolhimento. E no terceiro, aproveitamos a sua conceção dualista de interiorização dos mecanismos de participação na ordem interativa, bem como as dimensões do conceito de imigração.

Assim, partimos do princípio de que ao chegarem ao novo espaço de acolhimento, os indivíduos terão de lidar com um novo sistema de valores culturais (genericamente entendidos como do povo português) e organizacionais (do ISCTE-IUL), para se poderem integrar. Por sua vez, este sistema de valores gera um conjunto de exigências, a que chamamos de “demandas integracionais”. As demandas serão maiores ou menores, conforme o grau de continuidades e descontinuidades entre a sociedade de origem e a de acolhimento (Machado,2002). Estas demandas tenderão, potencialmente, a reconfigurar a identidade do indivíduo nos três níveis (Caldeira,1995). Para efeito, estes indivíduos poderão acionar, essencialmente, duas estratégias, visando promover a sua integração (Pires, 2003).

3.2 - Estratégias e técnicas de recolha de informação

No presente estudo, não definimos o número de indivíduos entrevistados logo no início do processo amostral, pois a nossa ação foi mais orientada no sentido da diversidade, do que da quantidade. Deste modo, demos por concluída amostra quando atingimos o momento em que os conteúdos das informações recebidas não apresentavam diferenças substanciais, alcançando-se o ponto de saturação.

Como se pode observar, não avançadas quaisquer hipóteses explicativas, no sentido atribuído por Quivy e Campenhoudt (2003:70). Tratou-se, assim, de, à luz da literatura consultada e com base nas categorias teórico-conceituais selecionadas, compreender as estratégias de integração dos estudantes angolanos que frequentam os cursos de mestrado e doutoramento no ISCTE-IUL no ano letivo de 2013/2014, bem como analisar, a partir das variáveis no trabalho de campo, as possíveis formas de (re)configuração das identidades destes estudantes.

3.3 - Caracterização da amostra dos entrevistados

Apar realização do presente estudo, foram entrevistados um total de 14 indivíduos de nacionalidade angolana que vieram para Portugal com o propósito de frequentar cursos de mestrado ou doutoramento no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, sendo dois do sexo feminino e doze do sexo masculino, com idades entre os 26 aos 53 anos de idade.

As entrevistas foram analisadas de forma crítica, com o objetivo de compreender o sentido explícito e implícito das mensagens (Chizzotti, 2006). Procedeu-se a uma análise baseada em categorias previamente formuladas da revisão da literatura. Para cada categoria foram criadas as respetivas subcategorias, unidades de registo e unidades de contexto (Bauer e Gaskell, 2008).

Quanto ao ciclo de estudos, 12 dos entrevistados frequentam cursos de mestrados e dois cursos de doutoramento. Até à data da realização das entrevistas o tempo mínimo de residência em Portugal de cada um dos entrevistados era de quatro meses e o máximo de cinco anos.

Relativamente aos cursos que frequentam, registou-se a concentração nos cursos da área das ciências sociais e humanas, nomeadamente; nos cursos de estudos africanos, psicologia, educação e sociedade e sociologia, nesta ordem de representação. A maior parte está a dar continuidade à formação desenvolvida na licenciatura ou mestrado, para o caso dos que frequentam o doutoramento.

São maioritariamente funcionários do estado angolano, sobretudo professores, provenientes de cinco diferentes províncias de Angola (Benguela, Luanda, Lunda Norte, Namibe e Huíla) que escolheram Lisboa, e em particular o ISCTE-IUL, para aumentar as suas qualificações e graus académicos.

Do total dos entrevistados, seis declararam possuir uma bolsa de estudos do governo angolano e outros 8 estão dependentes de apoios familiares que chegam em forma de remessas financeiras e/ou de poupanças pessoais. A maior parte, principalmente os mais novos (idades até 35 anos) vivem em residências partilhadas com outros amigos angolanos, também estudantes, mas nem sempre colegas no ISCTE.

É de salientar que apenas três dos entrevistados declararam ter necessidade de se deslocar à Angola, pelo menos, duas vezes em cada ano lectivo por imperativos profissionais e familiares e apenas um dos entrevistados declarou ter experiência anterior de residir no estrangeiro, nomeadamente no Brasil. Os restantes declararam estar, pela primeira vez, a experienciar o estatuto de estrangeiro em Portugal, embora tivessem estado nele por curtos

períodos; em serviço, tratamento médico ou férias familiares e outros conheceram Portugal nesta sua primeira viagem de fixação para efeitos de estudos.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DA INFORMAÇÃO E DOS RESULTADOS

4.1 - Contexto de interação com Portugal e o ISCTE

Foi possível, através das entrevistas, perceber que grande parte da interação que estes indivíduos tiveram (e têm) em Portugal e com os portugueses é, essencialmente, formal, ou seja, processa-se mais no âmbito institucional, mantidas em Angola com cidadãos Portugueses.

“Já interagi várias vezes com portugueses mas, isso foi na escola e lá no trabalho. Amigos como tal, nunca tive. Não é que eu tenha algo contra, simplesmente não deu...agora que cá estou talvez venha a ter um”. (Goioma, 26 anos)

Este é um quadro que parece se estender até Portugal, pois os estudantes embora se considerem “bem instalados” na sociedade de acolhimento, raras vezes referem episódios positivos no âmbito das interações informais, dando a entender que não há outras relações, além das institucionais. O campo institucional (ISCTE-IUL) mostra-se mais fértil a interação, uma vez que o exercício dos papéis complexifica a relação e aproxima as partes, tornando o “outro” num diferente conhecido. De acordo com o declarado pelos entrevistados, o papel de funcionário da biblioteca, de professor e até mesmo de colega de sala é mais fácil de ser jogado que o de amigo. Este último, tal com é encarado pelos entrevistados não é apenas mais um. É um papel que se eleva para um nível de intersubjetividade mais aprofundado que a sua condição de “diferentes estranhos” ainda não permite.

“Penso que fui bem recebido, no que toca à convivência. Mas não digo por parte dos alunos, digo por parte da direção. Quando eu cheguei dentro da sala, no convívio com os alunos, encontrei muitas dificuldades em relação, por exemplo à nossa realidade angolana. Eu esperava que, enfim, fosse por exemplo, o convívio que a agente está habituada em Angola. Mas posto cá em Portugal as coisas são diferentes”. (Kutalika, 26 anos)

No final da locução de Kutalika fica clara a existência de uma expectativa sobre como seria a interação com os colegas “*posto cá em Portugal as coisas são diferentes*”. Este trecho revela uma expectativa não satisfeita que, de resto, é construída tendo como única base comparativa a

realidade angolana “*o convívio que agente está habituada em Angola*”. As declarações dos entrevistados dão conta que na realidade angolana a linha que separa os colegas dos amigos é muito ténue e, frequentemente, inexistente. Esta separação é mais clara em Portugal e, ainda mais, quando se trata de indivíduos de nacionalidades diferentes.

4.2 - Construções sobre Portugal e o ISCTE: do colonizador e da Europa desenvolvida

Embora muito diversas, as construções sobre Portugal assentam, no essencial, sobre dois estereótipos: o do colonizador e da Europa desenvolvida. No conjunto das entrevistas, estes dois estereótipos não se apresentaram, necessariamente, de forma excludente, pelo contrário combinam-se em muitos casos, dando lugar a imagens, sempre atualizáveis e com graus diferentes, que vagueiam entre o “antigo malfeitor” e a “porta para o mundo”. Num lado estão os indivíduos cujo discurso ficou mais patente a ideia de que:

“Eu sabia que estou a ir para um país que nos tinha colonizado”. (Loneke, 53 anos).

É preciso levar em conta de conta que certas construções identitárias podem ser, mesmo, tão súbitas e radicais que provocam uma rutura inesperada com a socialização em causa (Kaufmann, 2004:147). Desta feita é preciso não descurar o peso que as imagens do passado representam no início de cada nova interação.

“Há no fundo a imagem do português colonizador. (Lussinga, 37 anos)

Estes indivíduos trazem poucas expectativas quanto ao que será a sua estadia em Portugal e, em certos casos, abstêm-se de fazer planos mais gerais para o país de acolhimento, como por exemplo, no que toca ao estabelecimento de redes de socialização mais alargadas que potencializadoras do intercâmbio e práticas multiculturais. Trata-se de indivíduos que adotam, em geral, uma postura mais defensiva ou conservadora, limitando-se, sobretudo, nos primeiros meses, os seus contatos com a sociedade de acolhimento aos circuitos mais formais. Estes indivíduos guardam resquícios da memória colonial, que funciona como uma espécie de sinalizador de fronteiras para a interação.

“Tu mesmo sabes porquê é que nós estamos aqui...uma coisa é a pessoa querer avançar nos estudos outra é estar disposta a outras coisas mais. Nós somos mesmo diferentes, e essa coisa da colonização, embora os tempos sejam outros, a gente não se esquece” (Loneke, 53 anos)

Mantendo as relações a um nível utilitário ou instrumental, estes indivíduos almejam um distanciamento tendo como referente a natureza das relações passadas, estão pouco

disponíveis para o estabelecimento de relações fora do domínio da formação. Focam-se no objetivo que os trouxe e minimizam importância do intercâmbio que não seja técnico ou académico com novo espaço de acolhimento

“Nunca, já pensei em muita coisa...eu sabia que estou a ir para um país que nos tinha colonizado. Nós sabemos o que a história testemunhou mesmo que hoje somos todos amigos há sempre coisas que ficam...não se sabe o que pode acontecer”(Loneke, 53 anos).

Pudemos notar que, ao se colocarem numa posição defensiva, estes indivíduos acabam por criar poucas expectativas sobre a sociedade de acolhimento. Já os indivíduos que olhavam (olham) para Portugal como uma porta de entrada para a Europa desenvolvida revelaram-se, com mais frequência, desapontados com as imagens anteriormente construídas. Não que elas não sejam de todo reais, mas porque se mostraram desajustadas em pontos que eles consideram relevantes, como é a relação interpessoal.

“ Sempre pensei que viria fazer muitos amigos e conhecer vários países da Europa. Países desenvolvidos como França, Alemanha e Suíça. Ou mesmo outras cidades de Portugal. Mas desde que cheguei aqui só fui uma vez à Espanha...” “ as pessoas aqui (na Europa) não fazem amizades com desconhecidos. Por isso pode ter bons sítios para ir mas a pessoa já não tem tal vontade”. (Kutalika, 26 anos)

A decepção face as expectativas é mais frequente nos mais novos, talvez por desconhecem as realidades ou fantasiarem em demasia contexto da nova sociedade de acolhimento. Seja por uma ou outra razão, facto é que os mais jovens são os que mais disponíveis se mostram no estabelecimento de novas relações, apesar de, eles também, notarem diferenças entre as culturas académicas de Angola e de Portugal.

“...vejo o modo como eles andam à vontade nos cafés, fumam e no verão vêm de calções á escola. Lá em Angola isso não é assim” (Kwamata,27 anos)

“...aqui os professores dão mais espaço para a investigação. Há mais trabalho e debate com o aluno. Em Angola a posição do professor é ainda muito sacralizada”
(Tchimboto,27anos)

Escolhemos, propositadamente, estes dois trechos por cada um deles revelar uma descontinuidade diferente na cultura académica. Ou seja, uma é tida, pelos entrevistados, como positiva e outra como negativa. Expressando, globalmente, a compreensão sobre estas diferenças. Foi possível inferir das entrevistas, que os indivíduos aos poucos se

consciencializam de que, a vinda para Portugal representa, em certa medida, a troca de um espaço de maior afetividade e, relativamente, menor qualidade instrumental por um outro espaço de maior qualidade instrumental (qualidade dos debates nas aulas, qualidade da formação) e menor afetividade (dificuldade de fazer amizade por ser estrangeiro) e mais liberdade (poder fumar ou ir de a escola de calções), relativamente. Estes elementos que podem parecer triviais são para estes estudantes estruturantes na forma como concebem a vida universitária.

4.3 - Redes de sociabilidades: em busca do semelhante

À medida que realizávamos as entrevistas, foi possível notar que os entrevistados, embora se movimentassem dentro de redes mais ou menos fechadas ao nível cultural, estas redes não eram constituídos a partir da universidade. Em decorrência disto, o método *snowball*, por nós escolhido, não funcionou, pelo menos até termos completado as primeiras seis entrevistas.

Os entrevistados até aí afirmaram possuir amigos angolanos, mas estes não estudavam no ISCTE-IUL. Faziam parte de redes constituídas fora da escola nas festas e partidas de futebol. Mas estas amizades são, em certa medida segmentadas, como diz Goioma.

“As amizades aqui variam. Uns são angolanos, caboverdianos, outros são guineenses ou brasileiros. Depende muito do sítio onde vamos. Se é jogar bola é mais com os angolanos e caboverdianos, mas também guineenses. Nas festas sempre vou com angolanos e brasileiros”. (Goioma, 26 anos)

Este facto, em particular, chamou à atenção na medida em que, é possível notarmos qual é o sentido de orientação das sociabilidades. Embora à primeira vista pareçam direcionadas para etnicização ou fechamento (ou seja dentro dos angolanos ou africanos), elas seguem uma lógica diferente daquela referida por Machado (2002:63). A etnicidade vai além da ideia dos “espaços de contrastes e continuidades”, como grafa o autor. Ela ganha outros contornos e passa a ter como referência, além da maioria (constituída pelos cidadãos do país de acolhimento), as outras minorias. Verificou-se, em certos casos, que as redes de amigos dos angolanos incluíam outros estrangeiros que não eram necessariamente de origem africana, o que afasta, desde já, a ideia de uma pertença cultural comum. Parece-nos que o que está em causa é antes a partilha de uma condição comum(a de estrangeiro), do que propriamente uma ligação baseada na partilha de aspetos sociais e culturais existentes desde a origem.

Por outro lado, houve também entre os entrevistados aqueles que declaram juntar-se a outros estudantes com o propósito de criar redes de amigos e estabelecer laços de partilha, e que o faziam, sobretudo, com outros angolanos ou indivíduos de origem africana, por simples conveniência cultural:

“Saio com os meus colegas, sobretudo, os amigos angolanos. Porque são aqueles que tenho maior convívio, conseguimos repartir, porque temos a mesma realidade, os mesmos hábitos”. (Kutalika, 26 anos)

“Não tenho dificuldades em fazer amizade com os de cá, simplesmente é mais fácil entre nós da terra. Não digo que os meus colegas não são meus amigos. Mas a maneira como lidamos é mais académica do que uma relação de amizade...”.
(Nangombe, 30 anos)

Constatou-se que, nos primeiros três ou cinco meses de contato com o ISCTE-IUL, os indivíduos raramente conseguiam estabelecer laços de amizade com colegas portugueses, e europeus de um modo geral. Apenas mantinham contactos com colegas de origem africana angolanos ou não.

“ Pelo número de amigos que frisei, sinto-me sozinho. Tudo porque conheço apenas três pessoas; o meu colega de sala guineense e outros dois angolanos. O meu colega só me encontro com ele quando temos aulas, os outros nos encontramos aqui por acaso” (Tchivela, 28 anos).

Um outro elemento que ficou patente, ao longo das entrevistas, e que importa aqui destacar, é o facto de a cor da pele ter jogado um papel crucial para o estabelecimento de contactos. O facto de se ser negro potencializa a possibilidade de iniciar uma nova interação. Aliás, nós mesmos na condição de investigadores, vimo-nos confrontados, à medida que realizávamos as entrevistas, com esta questão. A cor da pele emergia como um factor de redução de inibição. Quando circulávamos pelo ISCTE em busca de eventuais angolanos, interpelávamos uma data de indivíduos de diversas nacionalidades: caboverdianos, moçambicanos, santomenses, zimbabwiano, guineenses e nunca um português, italiano ou espanhol. Apercebemo-nos, portanto, que estávamos a agir sob influência da força dos estereótipos. Nesse caso, o estereótipo funcionava mais como elemento de redução da complexidade, ou seja permitia-nos facilmente descartar no conjunto mais alargado de estudantes, aqueles que poderiam ser angolanos. Por isso, não devemos descartar a possibilidade dos nossos entrevistados se terem guiado por este mecanismo de redução da complexidade para orientar as suas sociabilidades. Procurar o semelhante, tendo como referência a cor da pele. Contudo um problema se levanta:

como no caso particular, coincidem as duas variáveis: ser negro e ser estrangeiro, torna-se difícil afirmar se as sociabilidades são efetivamente orientadas tendo como base a cor da pele ou condição de estrangeiro. Porém, como referimos atrás, o facto destes estudantes negros possuírem na sua rede de amigos cidadãos brasileiros brancos, reforça a segunda possibilidade, isto é, as redes de amizade são construídas tendo como base mais a condição de estrangeiro e não tanto a condição da raça.

Contudo, as entrevistas permitiram-nos constatar que não é com todos os portugueses que a condição de estrangeiro constitui um obstáculo à interação ou mesmo ao estabelecimento de laços de amizade.

“Existem portugueses excepcionais. Não tenho amigos aqui em Lisboa, mas em outras partes de Portugal tenho. No Porto, Coimbra são pessoas muito simpáticas, abertas e afáveis”. (Nangombe, 30 anos)

Ao indicar alguns lugares, Nangombe traça uma espécie de geografia da facilidade de fazer amigos em Portugal, uma vez que, nem mesmo o facto de ter residência fixada em Lisboa, há cerca de um ano, lhe permitiu fazer amigos portugueses por cá. Contudo, os que conseguiu são de outros pontos do país onde vai ocasionalmente em passeios. Pensamos que a dimensão espacial ganha aqui relevo, podendo mesmo equiparar-se, em termos de importância, às outras, dimensões (cultural e social) no estabelecimento de novas sociabilidades.

Constatamos casos muito particulares em que, por opção, o indivíduo se recusa a empreender contactos no sentido de estabelecer novos laços de amizade, seja com os seus colegas angolanos, seja com os demais na sua condição de estrangeiro ou com a sociedade de acolhimento. É o caso Ngola:

“Não me sinto só. O amigo que tenho, penso que é suficiente. Não preciso de ter muitos amigos”. (Ngola, 34 anos)

A este respeito não foi possível inferirmos muito mais, principalmente por, rapidamente, termos descartado qualquer dificuldade de socialização por parte do indivíduo, uma vez que já teve a experiência de residir no estrangeiro, anteriormente. Porém, vale a referência que a ausência de redes de amizade mais alargadas não indica necessariamente uma inadaptação do indivíduo.

Se, por um lado, temos este caso particular de um indivíduo que se isola por opção, temos vários casos de indivíduos que empreendem no sentido de criar relações mas que, são confrontados com diferenças culturais que eles próprios julgam ser estruturantes, como afirma Goioma.

“A socialização é vista de maneira diferente...isso influencia na maneira de lidar entre os colegas”... “Em Angola a casa é um espaço em que nós temos para conviver, o que muitas vezes não sucede cá. Cá a gente pode conviver, mas fora de casa”. (Goioma, 26 anos)

Nas palavras deste entrevistado é possível notar que as suas expectativas sobre como se processam as relações de amizade não se coaduna com a realidade encontrada: *“cá a gente pode conviver mas fora de casa”*. Goioma reconhece ser possível fazer amizades com os portugueses, porém a mesma se processa de um modo diferente. Assim, parece-nos não se tratar apenas de criar ou não laços com a sociedade acolhimento, mas a forma como estes laços se desenvolvem e os seus graus de variação em relação a sociedade de origem.

“A diferença nos colegas e professores é que lá, somos mais interativos. Lá criam-se laços de afinidades. Os colegas depois passam a ser amigos, já aqui é uma relação em que os colegas só são colegas na sala de aula, fora da sala de aula já não são colegas”. (Kutalika, 26 anos)

É na universidade - o principal espaço de interação - onde se assiste ao confronto de expectativas que resultam em desilusão, por conta das percepções de diferenças nos tipos de relações. Podemos, em face disto, afirmar que há uma descontinuidade. E tal como refere Machado (2002) pode mudar a orientação das sociabilidades para a etnicização ou fechamento. Nesse caso, as sociabilidades em contexto escolar tenderiam a se orientar para o círculo de estudantes angolanos, porque estes partilham a mesma visão de como devem ser as relações entre colegas.

4.4 - Estratégias de integração: fechamento ou abertura?

O nosso modelo de análise, alinhado aos objetivos desta dissertação, nos direcionou no sentido de identificar dois tipos de estratégias, adotadas pelos indivíduos estudados. Tomemos como referenciais o conjunto de comportamentos, valores, e crenças individuais ou, como chamaria Bourdieu (1964), *disposições* que são acionadas na orientação das sociabilidades. Após a análise das entrevistas, com base em critérios como frequentar ambientes multiculturais, ter amigos portugueses, ter opinião positiva sobre o “ser” dos portugueses e funcionamento geral da sociedade, ou, ainda, apenas frequentar “lugares de angolanos” ou africanos, achar que existem muitas diferenças culturais entre Angola e Portugal, permite-nos identificar dois grandes blocos de indivíduos.

Um primeiro bloco é composto por indivíduos que adiante passamos a chamar de “os resistentes” e um segundo bloco é integrado por indivíduos que pela sua visão da sociedade de acolhimento e o seu comportamento face a diferença, doravante designamos por “os permeáveis”.

4.4.1- O fechamento dos resistentes

Os indivíduos pertencentes ao bloco dos *resistentes*, caracterizam-se por trazerem imagens pré-construídas sobre Portugal bastante sólidas. Alguns porque já tiveram contacto anterior com a sociedade de acolhimento, outros pelo simples facto de terem ouvido relatos ou se sentirem “velhos demais” para novas aprendizagens. Estes indivíduos são, na maior parte dos casos mais velhos que os *permeáveis*. É caso de Loneke:

“Tenho colegas que estão aqui há dez anos e eles mudaram praticamente o modo de falar. Espero não mudar muito a minha maneira de ser e de falar³ ao ponto de cair no ridículo. Mas que quando eu voltar já não serei a mesma pessoa, isso é bem provável...mas espero que isso não seja uma mudança radical e violenta”.
(Loneke, 53 anos)

As expectativas de Loneke são de não “mudar muito” a sua identidade. Ele toma como referência alguns colegas que residem em Lisboa há mais tempo que ele, e considera “ridículo” mudar muito, principalmente a forma de falar. Importa assinalar que, no caso de Loneke, a língua portuguesa – este denominador comum – de que tanto se fala, assume um carácter diferencial. Para ele mudar a forma de falar (aproximando-se ao modo como os portugueses falam) constitui uma violência que não quer admitir. Ele mesmo, afirmou que:

“...uma coisa é a pessoa querer avançar nos estudos, outra é estar disposta a outras coisas mais”. (Loneke, 53 anos).

Loneke estabelece, deste modo, uma linha de fronteira que indica até onde pode ir a “mudança”. Algo semelhante foi verificado um estudo realizado por Gibson(1988), citado por Seabra(2002) em que a autora conclui que a comunidade estudada “não opta pela assimilação à sociedade de acolhimento mas por uma acomodação sem assimilação, ou seja, a sua estratégia é a aquisição de competências na cultura dominante e, simultaneamente, a identificação da sua condição primária” (Seabra, 2002:84). Salienta-se que, antes de fixar residência em Lisboa, no ano de 2013, Loneke já esteve em terras lusas em duas ocasiões

³ Nos últimos anos, em Angola, tem crescido uma onda a nível da mídia nacional e círculos de intelectuais que se levanta contra a tese segundo a qual a melhor forma de falar o português é dos portugueses. A este respeito pode-se ler a entrevista dada pela professora Amélia Mingas ao jornal cultura, 2013, edição nº 41, de 14 a 27 de Outubro, pgs.6-8.

diferentes em missão de trabalho. Uma foi em 1985 e outra em 1996. Se levarmos em consideração o ambiente cultural que se vivia em Portugal naquele período, diríamos que Loneke conheceu um país um pouco menos aberto à multiculturalidade e diferença racial. Dai que, de volta a Lisboa, mostra-se determinado em manter o foco para objetivo que o trouxe, fazer o seu mestrado.

Tu mesmo sabes porquê é que nós estamos aqui” (Loneke, 53 anos)

Para compreendermos as razões deste posicionamento, torna-se necessário aceder as imagens construídas sobre Portugal através de experiências anteriores ou de relatos.

“Tenho amigos que estão cá em Portugal há dez anos, dizem a mesma coisa. Que os portugueses são inacessíveis, escondem-se muito. Eles já estiveram em França e na Inglaterra e dizem que os franceses são mais abertos que os portugueses”
(Loneke, 53 anos)

Baseado em relatos dos seus amigos, Loneke concebeu a imagem de um Portugal do qual só quer receber o conhecimentos académicos. Saliente-se que Loneke não tem outros contactos em Portugal que não os seus amigos que há cerca de uma década emigraram para cá em busca de melhores condições de vida. Por isso, a informação que recebe deles é o seu único referencial para a interação na nova sociedade de acolhimento.

Tal como Loneke, as imagens construídas por Nangombe a respeito da sociedade portuguesa orientam as suas redes sociabilidades mais para o interior dos grupos de angolanos e africanos do que de portugueses. Ela considera que:

“...em termos gerais a recepção de Angola é mais calorosa quando se recebe um estrangeiro. Nós como estrangeiro aqui já não se verifica isso. Temos uma certa dificuldade de ir a casa de um português. Já o contrário não seria tão difícil”.
(Nangombe, 30 anos)

Nangombe entende que na sua condição de estrangeira, em Portugal, não está a receber da parte dos portugueses o acolhimento que desejava. Por este facto afirma ter dificuldades na interação e no estabelecimento de redes de amizades:

“Mas, há uma certa dificuldade em termos de relacionamento, a nível de turma...a aproximação, eles são mais fechados em relação a nós, têm outra cultura, outros valores, outros princípios” (Nangombe, 30 anos)

Nestas palavras a entrevistada dá conta que é possuidora de uma imagem nítida sobre quem é o “outro”. Reconhece que o “outro” é diferente de si e não se opõe a essa representação. Mas

opta, por um lado em centrar o foco das suas interações em domínios formais e, por outro, em afirmar-se como diferente:

“nós somos visitantes, estamos aqui, nós temos de nos adaptar; não nos tornar, necessariamente, apáticos ou frios mas, mostrar aquilo que nós somos”
(Nangombe, 30 anos)

Nangombe reconhece a necessidade de se adaptar a nova sociedade e, para tal, julga ser necessário evitar a apatia. Consciente da sua condição de “visitante” ela canaliza a sua atenção para adaptação consciente das diferenças. Embora este facto não afete sua percepção das continuidades e descontinuidades entre os dois espaços, pensamos que ele suavize o seu impacto, porque orienta as sociabilidades.

“Apesar se sermos de pontos diferentes de Angola, eu só ando com angolanos. Os meus amigos são todos angolanos, aqui a sociedade não é muito interativa. As pessoas é cada um por si e Deus para todos. A sociedade aqui é muito elitizada: cada um anda com seu grupo de origem”. (Kwamata, 27 anos)

A estratégia que Kwamata adotou parece ser uma réplica da estratégia pelos próprios nacionais portugueses. Pois ao considerar que *“a sociedade aqui é muito elitizada”* ele julga tomar consciência até onde podem ir as suas interações. Este entrevistado posiciona-se naquilo que julga ser um campo de jogo sem regras: *“as pessoas aqui é cada um por si e Deus para todos”*; é também um campo aberto a várias possibilidades e escolhas: *“apesar de sermos de pontos diferentes de Angola, eu só ando com angolanos”*. No entanto, não se trata de uma escolha inteiramente livre por, como ele mesmo afirma *“a sociedade não é muito interativa”*. Deixa assim em aberto a possibilidade de escolhas diferente num cenário de sociedade mais interativa, na sua óptica. Deste modo, ter apenas amigos angolanos não é uma decisão de todo individual mas, em certa medida, é também estrutural. Tal como observou na base de formação destes grupos “elitizados” está a origem dos indivíduos: *“cada um anda com seu grupo de origem”*.

No plano prospetivo este indivíduo possui, de si próprio, uma imagem relativamente conservada. Embora admita haver elementos novos na sua identidade, prefere ressaltar que os anteriores estão conservados.

“Com certeza que ganhei alguns hábitos e costumes da comunidade europeia, portuguesa, nesse caso, mas também não perdi muitos dos meus hábitos. Isso

para não cair em desuso, não quero ser uma pessoa estereotipada”. (Kwamata, 27 anos)

A apreensão de “*alguns hábitos e costumes*” é encarada como um recurso estratégico e pontual para “*não cair em desuso*”. Kwamata vê-se então, entre o receio de ser “uma pessoa estereotipada” e “*perder muito*” dos seus hábitos. Não se trata de uma gestão fácil, como aparenta, até porque as pessoas mais próximas já começaram a notar diferenças em si que não o agradam:

“Eu venho de férias há duas semanas de Angola e as pessoas mais próximas a mim, disseram que eu estou esquisito, que estou frio. Eu disse é normal porque eu convivo com pessoas frias”. (Kwamata, 27 anos)

Kwamata agora orienta as suas amizades mais para dentro dos angolanos, não apenas porque não consegue entrar noutros círculos, mas porque também receia vir-se a transformar numa pessoa que não quer ser.

Quem também assume uma posição defensiva é Ngola que afirma:

“Sou um defensor acérrimo dos marcos da cultura, embora sofra algumas influências, essas influências nunca se sobrepõem aos elementos que me identificam”.(Ngola,34 anos)

Em Kwamata e Ngola encontramos a personificação dos “resistentes”. Estes indivíduos, embora vivam num espaço de influências, estão em constante alerta no sentido evitar mudanças significativas nas suas identidades culturais. E sempre que houver uma mudança eles minimizam-na, no quadro dos seus mais variados traços identitários:

“...que as pessoas notaram alguma diferença, notaram, depois de eu ter saído de cá. Mas notaram uma diferença que não é relevante, que apenas tem a ver com questões verbais, com a forma de falar”.(Ngola, 34 anos)

Embora seja difícil compreender o valor real atribuído à língua pelos “resistentes” devido ao facto de Loneke considerar que alterar a forma de falar é “...cair no ridículo” (p.26) e Ngola considerar não relevante. Contudo fica claro que ela é percecionada por este grupo de indivíduos como um traço saliente das suas identidades.

4.4.2 - A abertura dos permeáveis

Os permeáveis constituem o grupo de indivíduos entrevistados, em cujos discursos foi possível identificar sinais de uma maior abertura e recetividade face à sociedade de acolhimento. Nenhum destes teve contacto anterior com a sociedade de acolhimento, até à data em que fixaram residência em Portugal, por motivo de estudos. Possuem uma vaga imagem de Portugal, construída, essencialmente, a partir de breves e episódicas interações

mantidas com portugueses residentes em Angola e das informações recebidas através da imprensa internacional.

O facto de possuírem vagas imagens sobre a sociedade de acolhimento, parece influenciar a postura que adotam, pelo menos, nos primeiros períodos de estadia. Os permeáveis vêem a sociedade de acolhimento como uma porta para mundo e não assumem lugar em nenhuma das posições de fronteiras. Tal é o caso de Sandala:

“O facto de os portugueses não serem muito dados ou ainda terem muitos problemas, serem preconceituosos em relação aos africanos de maneira geral, e aos angolanos em particular, isto não constitui um problema, é uma coisa com que nós todos temos que viver, porque é próprio do país”. (Sandala, 32 anos)

Sandala não só aceita a diferença como a “naturaliza” ao considerar ser “próprio do país”. Para ele é natural que o estrangeiro conviva com o preconceito que os nacionais têm sobre ele, por se tratar de uma questão passageira. Contudo não tem a mesma opinião sobre os estrangeiros radicados ou mesmo imigrantes de segunda e terceira gerações.

“Aqueles pessoas que quase já nasceram cá e não conhecem outros países, nasceram e cresceram a ouvir preto vai para a tua terra. Essas pessoas que não têm terra, no fundo, senão esta. Crescem com uma vontade terrível de se defender e com uma agressividade impressionante. Ai colocam-se logo numa posição de defesa e de fronteira que se criou na interação entre eles e os outros. E eu não faço parte disso. Cá eu não faço parte de fronteiras nenhuma”. (Sandala, 32 anos)

Através das palavras de Sandala é possível vermos como as orientações das sociabilidades podem variar de acordo com o carácter da condição de minoria. Para Sandala, o facto de ser estrangeiro não gera em si mesmo a necessidade de se defender do tratamento preceituoso. É preciso gozar de um estatuto mais perene que por si funda outras necessidades dentro dos quadros mais gerais de interação, como acontece com as minorias negras residentes.

É curioso notar que a noção de fronteira está presente tanto no imaginário dos resistentes quanto dos “permeáveis”. O que varia é apenas o sentido que lhe atribuem. Para os “resistentes” funciona como elemento para cercear o impacto de possíveis influências culturais da sociedade de acolhimento. Enquanto para os “permeáveis” funciona mais como um elemento de demarcação de duas posições antagónicas, das quais preferem não tomar posição:

“Eu cá não faço parte de nenhuma dessas fronteiras” (Sandala, 32 anos)

A orientação dos indivíduos dentro do novo quadro de relações sociais é influenciada, em certa medida, pela forma como são acolhidos.

“A integração foi logo de primeira, porque, parte dos colegas que nós encontramos já terão vivido em África nas missões em algumas ONG’s, por isso houve uma facilidade nesse sentido”. (Katanha, 53)

Nota-se que este indivíduo encontrou, na relação com os seus colegas, a atmosfera favorável ao desenvolvimento de laços de amizade, o que decorreu do facto de nesta turma os angolanos não serem propriamente uma minoria. Havia uma significativa representação numérica de angolanos em relação aos portugueses.

Julgamos que a relativa paridade numérica entre angolanos e portugueses nesta turma, em particular, ao invés de criar “ilhas” ou segmentações, gerou mecanismos mais fluídos de interação diluindo através da observação mútua de modos particulares de agir.

Para os permeáveis a adaptação é vista como um imperativo da sua condição de estrangeiro. Contudo têm presente que, por mais esmerados que sejam na construção de novas redes sociais, nunca chegarão ao nível das que possuíam em Angola, como observa Tchidumbo:

“A adaptação é um imperativo. Mas eu não posso vir pra aqui e continuar a pensar que eu vou construir amizades, vou ampliar o meu círculo relacional em termos de amizade como se estivesse em Angola, isto seria até displicente”.
(Tchidumbo, 28 anos)

Trata-se de um exercício de incorporação consciente dos novos quadros sociais. A partir do momento em que o indivíduo coloca a adaptação como imperativa, ele deixa de considerar alternativas que não sejam a incorporação destes novos quadros porque somente através deles é que a adaptação se pode processar com sucesso (Pires, 2003).

O caminho escolhido por eles é certamente o caminho da relativização. Não é que se abstenham de fazer julgamentos sobre a nova realidade. Apenas os colocam mais no plano da razão do que dos valores, ao contrário dos “resistentes”.

“Quando estou em Angola ponho Portugal em perspectiva e quando estou em Portugal ponho Angola em perspectiva. Principalmente é ver o país em que eu

nasci à distancia e isso dá realmente uma forma muito diferente de lidar com o país e de lidar com o facto de estar fora”. (Sandala,32 anos)

Colocar ambas realidades sociais em perspectiva é um verdadeiro exercício de alteridade, cuja utilidade se revela bastante prática. Esta alteridade não se resume apenas na acepção clássica da ideia de “colocar-se no lugar do outro”. Vai mais além: propõe a que o individuo coloque outro no seu próprio lugar, para buscar uma compreensão da sua identidade sob a óptica do outro.

Sandala ao olhar para Angola como um extragrupo, assumindo-se como fazendo parte do grupo da sociedade de acolhimento, deixa a nu o seu próprio “eu” cultural para observá-lo desde o ponto de vista do outro. Este facto permite-lhe compreender a visão que outro tem de si e daí desenvolver mecanismos de aproximação, minimizando ao máximo possível situações de desajustes gerados pelas eventuais descontinuidades existentes entre os dois espaços.

Para poder circular livremente entre estas duas realidades social e culturalmente distintas, estes indivíduos colocam-se numa posição de abertura como forma de minimizar os impactos das eventuais descontinuidades, assumindo por conseguinte as marcas deste processo.

“A socialização deixa marcas na pessoa. Estas marcas se tornam bem visíveis Três anos não são três dias, três anos não são três semanas. Eu carrego algumas marcas que me distinguem de um outro angolano que sempre ficou lá”. (Goioma, 26 anos)

Em Goioma, a consciência de que com o tempo a identidade do individuo é marcada por novos traços torna-se clara. Ele faz referência a dois elementos cruciais da análise sociológica sobre a imigração: o tempo e o espaço. Goioma, que reside em Lisboa há três anos, sente-se distinto dos outros angolanos porque “*três anos não são três dias, três anos não são três semanas*”. E o facto de ter deixado Angola força-o a entrar num novo processo de socialização. A maleabilidade destes indivíduos pode resultar do seu auto conhecimento da situação em que se encontram e do facto de possuírem referenciais culturais definidos entre as duas sociedades.

O facto de estes indivíduos não tomarem posição em nenhum dos dois lados da fronteira (estrangeiros e nacionais) por meio da defesa dos valores identitários do grupo ou adoção de orientações societárias específicas, os expõe ao risco de não serem reconhecidos como membros legítimos de nenhum destes lugares.

“Quando estou em Angola é que me dizem que estou com o sotaque português. Ai é que eu começo a perceber a diferença...a transformação. O engraçado é que

quando saio de Angola os meus amigos (em Portugal) dizem que estou com sotaque angolano”. (Sandala,32 anos)

Esta situação de ambiguidade é típica nos casos em os indivíduos que se deixam influenciar, significativamente, ao longo dos processos de interiorização das normas e dos traços da cultura dominante. A língua, seja pela incorporação de novos vocábulos, seja pela alteração da dicção e do sotaque são marcadamente os traços mais notáveis⁴.

Circular entre dois grupos distintos implica ter o domínio das regras que vigoram em ambos lados. Porque até a mais banal das práticas pode ter significados e representações diametralmente opostas. É o caso das refeições com os amigos.

“Eu quando saio com um português, eu sei que à partida vamos dividir. Mas se eu sair com um amigo angolano eu sei que ele pode pagar a conta como eu posso pagar a conta” (Tchidumbo,27 anos)

Tchidumbo frequenta restaurantes com amigos angolanos e com amigos portugueses. Mas, tem cuidado de não agir do mesmo modo. Se para os angolanos pagar toda a conta quando se sai com um amigo é um gesto apreciado, sinónimo de fraternidade e camaradagem, entre os portugueses aquele que se oferecer a pagar a conta de todos poderá ser mal-encarado.

4.4.3 - O hibridismo atípico

Tal como reza o quadro teórico que inspirou a elaboração do modelo de análise utilizado, em contexto de integração são esperadas, tipicamente, duas orientações societárias sendo que há sempre a possibilidade de emergência de outras combinações (Pires, 2002).

Ao analisar as entrevistas, surpreendeu-nos o facto de num conjunto de discursos, relativamente residuais⁵, termos identificado sinais de hibridismo identitário. Isto é, uma terceira modalidade de resposta às demandas de integração, em que os indivíduos combinam em graus variados, elementos das duas orientações anteriores com sinais de reforço da identidade.

Entendemos chamar este grupo de “*híbridos atípicos*”, pelo facto de a sua postura diante da multiculturalidade se marcar, essencialmente, pela combinação de diversos elementos no

⁴ Um estudo recente, sobre reconfigurações identitárias, desenvolvido por pesquisadores do Centro de Investigação Identidade (s) e Diversidade (s), do Instituto Superior Politécnico de Leiria, constatou o mesmo entre os entrevistados que assumiram uma postura de “entrega” à sociedade de acolhimento a que chamaram de oblato. *Cfr.* Vieira at all (2003), *Partir, Chegar, Voltar*, Edições Afrontamento, pp.:68-80

⁵ Apenas dois, dos catorze entrevistados, correspondendo a 14% do total, enquadram-se nesta categoria de indivíduos.

plano cognitivo e praxiológico. Estes indivíduos lutam para dar existência à sua própria identidade, reconstruindo-a com a coerência possível, diante da multiplicidade de influências sociais muitas vezes contraditórias (Cfr. Kaufmann, 2004:138).

Hibridismo atípico porque são escassas referências, na literatura especializadas, de combinação que resultaram num hibridismo que apela o retorno às origens. Em regra, as manifestações de reforço identitário são abordadas em separado e o hibridismo é formado apenas pela multiculturalização e etnicização simultâneas⁶. No caso destes dois indivíduos, a ideia de uma cidadania transnacional dá forma a uma postura culturalmente eclética onde o indivíduo cria laços e a pertença vai para além das origens, se difunde nos destinos que se descobrem.

“ Acho que nós não temos que nos sentir como se pertencêssemos a um sítio ou outro, eu me sinto um cidadão do mundo ” (Yopilo, 27 anos)

O trecho acima, remete-nos à ideia de identidade dinâmica tal apresentada por Fichte, segundo a qual *“ o indivíduo é um devir que não corresponde nem a um destino, nem a uma repetição ”* (Fichte citado por Singly, 2003:31). Porém esta postura voltada para o futuro e as possibilidades que os novos espaços podem oferecer ao indivíduo, não deve ser encarada como uma atitude maniqueísta de escolha entre a exaltação das origens e ou a sua total negação.

“Quando vou para Angola como funje a vontade, mesmo aqui também como. Se for à aldeia sento com a minha avó na esteira eu não tenho esses problemas.”
(Yopilo, 27 anos)

A deslocação para um novo espaço e a frequência do mestrado em estudos africanos estão na base do despertar dos traços identitários. No caso deste entrevistado podemos observar como o carácter relacional da identidade se manifesta em diferentes contextos.

*“ Quando estava em Angola até que não ligava muito para estas coisas das línguas nacionais. Mas agora é diferente. Sempre que posso, procuro aprender e praticar com os que falam Kimbundo ”*⁷ (Ndembele, 28 anos)

“Embora esteja a fazer este mestrado, eu estou ainda em busca das minhas identidades. (...) nas aulas às vezes falamos como é cultura em cada país, os

⁶ Em Viera at all (2013) *Partir, Chegar e Voltar*, Porto, Afrontamento, é possível encontrar alguns destes exemplos.

⁷ O Kimbundo é uma das línguas nacionais de Angola, falada por um dos dez grupos étnicos: Os ovambos estão localizados na região do noroeste do país. Estima-se que seja falada por três milhões de angolanos.

meus colegas contam coisas, mas eu sei pouco. Por isso tenho vontade de aprender Kimbundo” (Ndembele, 28 anos)

O debate em contexto de sala de aula favoreceu o aumento do seu conhecimento sobre a diversidade cultural do mosaico africano e não só⁸, o que serviu de estímulo para invenção de um saudosismo virtual, através do qual procura recuperar o tempo perdido através de pesquisas e conversas que leva a cabo com objetivo de reunir e difundir informações e factos sobre a sua cultura.

“Tenho uma colega brasileira que me pediu para lhe traduzir uma música do Paulo Flores. Como eu não sabia, disse que ia escrever em casa. Pesquisei uma parte sozinho e outra foi um amigo em Luanda que me ajudou” (Ndembele, 28 anos)

A sua preocupação em apetrechar-se cada vez mais com conhecimentos sobre a sua origem, não constitui obstáculo ao desenvolvimento de laços com cidadãos de outros países, pelo contrário. Como vimos atrás, estes elementos servem, muitas vezes de catalisador das interações. O mesmo sucede com Nzangi:

“Nem por isso. Eles até gostam do nosso modo de falar, as nossas expressões: ya, bala, fixe, malaike. Os meus colegas no princípio me chamavam de yá, porque ele diziam que eu falo muito ya. E pediam para eu lhes ensinar” (Nzangi, 29 anos)

Estes indivíduos, ao contrário dos demais, encontram-se a interagir com colegas e amigos de diferentes proveniências que valorizam a diferença e manifestam interesse na partilha de conhecimentos sobre a sua cultura para os diversos fins, com destaque ao académicos. Deste modo, estes indivíduos tornam-se aptos ao desenvolvimento de interações multiculturais bem-sucedidas.

“Tenho vários amigos, para mim isso não é problema. Eu mesmo já conhecia a cultura daqui e um pouco dos brasileiros. Agora de Moçambique não, mas também como é África é mais fácil” (Nzangi, 29 anos)

Os “híbridos” possuem em comum com os “permeáveis” a socialização antecipada: “eu já conhecia a cultura daqui e um pouco dos brasileiros”. Não é tão difícil perceber porque Nzangi não disse o mesmo em relação a Moçambique: foi porque parte significativa deste processo de conhecimento do “outro” é feita através dos meios de comunicação social, particularmente, das telenovelas e, em Angola, a presença da imprensa destes dois países é bastante forte enquanto a de Moçambique não tem a mínima expressão.

⁸ O entrevistado referiu que na sua sala existiam africanos, brasileiros e portugueses que também narravam aspetos gerais e particulares das respetivas culturas.

Como se constata, apesar de partilharem uma origem cultural (racial e étnica) comuns⁹ e os atributos sociográficos mais ou menos estabilizados, é notória a performance individual no agenciamento das demandas geradas pelo novo espaço de acolhimento.

“ Eu até lhes apresento mas, eles (angolanos) acham sempre que os portugueses são achados. Não sei se não gostam deles ou é dificuldade em falar com eles(portugueses) ”. (Nzangi, 29 anos)

Nas palavras de Nzangi é possível denotar a existência e influência de determinantes individuais a nível do desempenho dos indivíduos no quadro de interiorização dos novos quadros de interação.

⁹ Todos os indivíduos entrevistados declararam pertencer a etnia ovambo ou ovimbundo e eram todos negros.

CONCLUSÕES

A análise das entrevistas permitiu-nos compreender a diversidade das orientações sociais dos estudantes angolanos a frequentar o 2º e 3º ciclo do ensino superior no ISCTE-IUL, em face da necessidade de responder às demandas integracionais.

Uma das constatações que mais capitalizou as nossas atenções foi a perceção do carácter temporário da condição de imigrante. Estes indivíduos constroem a sua autoimagem baseando-se em critérios prospetivos, o que funciona como estabilizador de tensões resultantes das descontinuidades. Deste modo, os processos de etnicização nunca chegam a se concretizar de facto, salvo raras exceções, pois a curta duração dos cursos de mestrado aliado as frequentes viagens ao país de origem interrompem os fluxos das demandas e subvalorizam o papel estratégico das redes em construção.

Por se tratar de uma amostra maioritariamente jovem (cerca 70% com menos de 35 anos) escolarizada e, relativamente, bem informada, a perceção das descontinuidades existentes entre os dois espaços é relativamente reduzida, por força da mediatização da sociedade angolana, por um lado, e pela franca densidade das interações por outro. Verificou-se mesmo, em certos casos, a presença da socialização antecipada, feita não da forma tradicional - através de grupos de referências existentes no país de acolhimento -, observados desde o país de origem, mas através de grupos de outros angolanos que tendo passado por Portugal, regressaram à Angola e transmitiram os valores e práticas mais gerais da nova sociedade de acolhimento.

Embora existam várias descontinuidades nos dois eixos propostas por Machado (2003), estas se apresentam, relativamente, dispersas no quotidiano destes indivíduos, sobre os quais, apenas as descontinuidades que se registam no eixo cultural exercem um efeito negativo à integração. Ao longo das entrevistas, com frequência os estudantes queixaram-se de aspetos relacionados com a cultura, por exemplo, os modos como se estabelecem os laços de amizade e confiança, as relações entre colegas e em nenhuma ocasião mencionaram qualquer desajustamento em relação ao alojamento, localização residencial ou funcionamento da instituição. Nos pontos em que se registou descontinuidade, a nível da cultura académica elas tendiam a ser marcantes. Destacam-se duas: a forma muito descontraída como os estudantes frequentam os espaços da universidade e as relações entre pares. Na realidade angolana, segundo apuramos dos entrevistados, há uma sacralização da figura do professor da

instituição universitária. Assim, não é permitido fumar nem comparecer de calções no recinto escolar o que, cá em Lisboa é aceite com naturalidade. As relações entre colegas de universidade em Angola, como se observou nas entrevistas, extravasam o domínio académico e se estende para a vida em geral, o que, de acordo com as suas representações, em Lisboa dificilmente acontece, sobretudo, quando tratando-se de estudantes imigrantes. Estas descontinuidades, não obstante a circunstância, tendem a ser percebidas pelos indivíduos como críticas. Primeiro por serem jovens e não possuírem experiência anterior de residir no estrangeiro e segundo por elas se colocarem no plano do ator, isto é das relações interpessoais.

As nossas entrevistas mostraram que quanto maior é a perceção de descontinuidades no eixo cultural maior é a tendência dos indivíduos limitarem o âmbito das suas interações aos contextos formais, como é o caso das instituições e do próprio ISCTE-IUL. Estes indivíduos por encontrarem dificuldades em criar, por si mesmos, laços informais com os portugueses constroem as suas redes, dentro do ISCTE-IUL e fora dele, voltada para os não portugueses, fundamentalmente, para os africanos negros. É crucial aqui ressaltar que estes estudantes angolanos não se juntam aos demais estudantes africanos pelo facto de serem todos africanos mas, antes, por serem negros. Para eles, a cor da pele funciona como um marcador de identidade que simultaneamente induz, não apenas a um sentimento de partilha de uma origem comum (África), mas e sobretudo introduz igualização da condição de estrangeiro. Portanto, não parece sensato, de todo, catalogar como etnicização a resistência oferecida por estes indivíduos à integração nos quadros da ordem interativa da sociedade de acolhimento porquanto o peso da condição de se ser estrangeiro é relevante.

Os indivíduos a que convencionamos chamar de “permeáveis” demonstraram que apesar das várias descontinuidades registadas no eixo cultural é possível alcançar um nível de adaptação satisfatória que garanta o processamento das interações mais genéricas. Preferimos, mesmo no caso dos “permeáveis”, falar em adaptação e não em assimilação¹⁰, devido o modo como estes indivíduos encaram as mudanças operadas na sua identidade, no plano prospetivo. Eles assumem-nas como sendo temporárias, circunstanciais e instrumentais. Falamos em adaptação dada a existência, ainda que rarefeita, de descontinuidades em algumas dimensões do eixo cultural, nomeadamente, na lógica da orientação das sociabilidades. Somente em caso de dupla continuidade é que poderemos falar em plena integração. (Machado,2002:5)

¹⁰ O nosso entendimento de assimilação, está em linha com o de Pires (2003:96)

O relativo sucesso com que estes indivíduos respondem as demandas de integração geradas no espaço de acolhimento, não resulta, de todo, de uma plena integração ou interiorização dos novos quadros encontrados. O que nos permitiria falar em assimilação. Mas, e sobretudo, das decisões racionais feita no plano operativo sobre que orientações dar às suas redes e deste modo maximizar o número de interações bem-sucedidas. Porém, não podemos negar que, por efeito de acumulação, progressivamente os indivíduos, à medida que vão multiplicando o número de interações bem-sucedidas, poderão reduzir e, até mesmo dispensar, este expediente de selecção das interações mais propensas a serem bem-sucedidas.

Embora prevíssemos, a quando da definição dos dois ideais-tipo polares (eticização e multiculturalização), a possível emergência de uma terceira orientação, surpreende-nos o modo como da combinação em graus variáveis destes dois ideias-tipos emergiu uma terceira: os “híbridos”. A identificação desta categoria de indivíduos constituiu, para nós, uma novidade. Em geral, pesquisas anteriores têm identificado uma terceira categoria de indivíduos que resulta da percepção ou existência de descontinuidades acentuadas que os leva a desenvolver um mecanismo forte de auto-preservação que conduz a fenómenos de reforço da identidade ou fechamento extremo. O nosso estudo identificou indivíduos, a que convencionamos chamar “híbridos atípicos”, que ao mesmo tempo demonstraram níveis aceitáveis de adaptação aos novos quadros interativos, mantêm laços ativos com os grupos de angolanos e desenvolvem sinais de reforço identitário. Esta constatação nos coloca numa situação de hibridismo atípico. Os indivíduos que vivem o hibridismo atípico movem-se nas áreas movediças das identidades múltiplas e globalizadas (Simmel, 1995; Bauman,2001; Maalouf, 2002; Lahire,2004), devido a ativação frequente dos seus variados laços de pertença. Contudo, por se tratar de um número de indivíduos relativamente residual, em relação a amostra estudada não nos parece possível fazer mais inferências ou generalizações. Sendo um caso que perspetivamos aprofundar em estudos futuros.

Relativamente as dimensões de integração às instituições de ensino propostas por Baker e Siryk (1989) verificou-se haver grande ajustamento académico e comprometimento com a instituição, enquanto nas dimensões relacional-social e pessoal-emocional os níveis de ajustamento ficaram muito aquém das expetativas dos entrevistados.

A terminar, queremos assinalar que a ausência de um programa específico para o acolhimento destes estudantes, que se ajuste às suas necessidades de socialização contribui para o seu relativo isolamento da maioria, não só no interior do ISCTE-IUL, como na sociedade

portuguesa, em geral. A implementação de programa com este objetivo poderá facilitar o enriquecimento da experiência dos angolanos (e de outros estrangeiros) que estudam nesta instituição através de práticas que promovem o efetivo intercâmbio cultural a par da transferência do conhecimento científico.

BIBLIOGRAFIA

Livros

Alves-Pinto, Conceição (1995). *A Sociologia da Escola*. Lisboa, McGraw-Hill

Bader, Veit-Michael (2008). *Racismo, etnicidade, cidadania – reflexões sociológicas e filosóficas*. Porto, Edições Afrontamento.

Baker, R. W. & Siryk, B. (1989), *Student Adaptation to College Questionnaire*, Los Angeles, Western Psychological Services.

Barcelar, Sérgio Manuel (1999) *Amostragem nas Ciências Sociais – Relatório de aula-teórico prática*, Faculdade de Economia d Universidade do Porto, Porto.

Bauman, Zygmunt (2001), *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar

Bourdieu, Pierre.; Passeron, J.C (1964). *Les héritiers, les étudiants et la culture*, Paris, Minuit

Chizzotti, António. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*, São Paulo, Cortez

Carvalho, Luísa Manuela da Costa Ramos de (2009), *Identidade étnica e estratégias de aculturação em contextos multiculturais: estudos com crianças e agentes socializadores*, ISCTE, Lisboa. Tese de doutoramento. Consultado (online) 04.04.2013 <http://hdl.handle.net/10071/2392>

Castelo, Cláudia (2010), *A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anticolonial. In 7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos - 50 Anos das independências africanas: desafios para a modernidade*, Lisboa, CEA. Consultado (online) aos 20.03.2013

https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/2244/1/CIEA7_6_CASTELO,%20A%20Casa%20dos%20Estudantes%20do%20Imp%C3%A9rio.pdf

Cruz, Elisabete da Conceição de Fátima de Ceita Vera (2012), *Ser jovem em Angola: valores e identidade(s) dos estudantes universitários angolanos*, ISCTE-IUL, Lisboa. Tese de doutoramento. Consultado (online) aos 12.05.2013 <http://hdl.handle.net/10071/4361>

Diniz, António Augusto Pinto Moreira (2001), *Crenças, escolha de carreira e integração universitária*, Minho, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Consultado (online) aos 05.05.2013. <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/1635>

Eisenstadt, Shmuel. N.(1954) *The absorption of immigrants*, London, Routledge

Etzioni, Amitai (1974), *Organizações modernas*, São Paulo, Pioneira.

Giddens, Anthony (1997), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora

Kaufmann, Jean-Claude (2004), *A invenção e de Si – uma teoria da identidade*, Lisboa, Instituto Piaget

- Lahire, Bernard(2004), *O homem plural*, Lisboa Instituto, Piaget
- Maalouf, Amin (2002), *As identidades assassinas*, Lisboa, Difel
- Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora
- Martins, Susana da Cruz (2012), *Escolas e Estudantes da Europa*, Lisboa, Mundos Sociais
- Minayo, Maria Cecília de Sousa (2007), *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro, Abrasco
- Pires, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Oeiras, Celta Editora
- Pinto, Sónia Rosa Ferreira (2007) *As representações dos professores no diálogo de culturas nas escolas: Estudo de caso dos professores do 1º ciclo da escola do concelho de Paredes*. Dissertação de mestrado. Universidade Portucalense, Porto.
- Pedreira, Isabel & R, Cláudia (2012), *Os Estudantes Estrangeiros Nacionais de Países da CPLP no Ensino Superior em Portugal: contributos para uma caracterização*, Direção-Geral de Estatísticas da Educação. Consultado (online) aos 05.05.2013. <http://www.dgeec.mec.pt/np4/68/>
- Pazeto, Antônio Elízio (2007), *A escola e universidade como instituição: o desafio da gestão da educação na perspetiva institucional*, UDESC. Consultado (online) aos 12.03.2013 http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/39.pdf
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (2003), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 3ª Edição, Lisboa, Gradiva
- Simmel, Georg (1995) “*O cruzamento dos círculos sociais*”, Cruz, Manuel Braga da (org.), *Teorias Sociológicas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pag:573-578
- Singly, François de (2003), *Uns com os outros – quando o individualismo cria laços*, Lisboa, Jean Piaget
- Seabra, Teresa (1999), *Educação nas famílias: etnicidade e classes sociais*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional
- Seabra, Teresa (2010), *Adaptação e Adversidade: o desempenho escolar dos alunos de origem indiana e cabo-verdiana no ensino básico*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais
- Touraine, Alain (1998). *Iguais e Diferentes. Poderemos viver juntos?* Lisboa: Instituto Piaget

Rocha, Eleonora da Silva (2012), *Avaliação dos processos de integração dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no ISCTE-IUL*. Trabalho de Projeto de Mestrado. Universidade de Lisboa.

Vieitez, Eduardo Ruiz (2001). “Minorías europeas y estado de derecho” in Rodríguez, Isabel Garcia (Ed.) (2001). *Las minorías en una sociedad democrática y pluricultural*, Espanha, Universidad de Alcalá - servicio de publicaciones, pp. 51-88

Vieira et al (2003), *Partir, Chegar, Voltar*, Edições Afrontamento

Jornal

Jornal cultura, (2013), edição nº 41, de 14 a 27 de Outubro, pgs.6-8.

Revistas

Almeida, L.S, & Soares, A.P (1999), “Questionários de vivências académicas: construção e validação de uma versão reduzida(QUA-r)”, in *Revista Portuguesa de Pedagogia*, (3), 181-207

Caldeira, Paulo (1995), “Identidade dos Portadores do Vírus da Sida – Reconstrução das Identidades e formas de inserção social dos portadores do vírus do HIV”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, (17) pag:75-95

Challinor, Pilar Elizabeth (2011), “Identidade e Pertença: para além das dimensões materiais do sofrimento”, in *Revista Etnográfica*, (15) p.470-500.

Costa, António Firmino (2002), “Identidades Culturais Urbanas em Época de Globalização” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (48), pag:15-30.

Godoy, Arilda S. (1995) “Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais”, in *Revista de Administração de Empresa*, (3), p.20-29

Machado, Fernando Luís et al (2003), “Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (66), pag:45-80

Pires, Rui Pena (1999) “Uma teoria dos processos de integração” in *Sociologia Problemas Práticas*, (30), pag:9-45

Internet

Apresentação do ISCTE-IUL

http://iscte-iul.pt/quem_somos/apresentacao.aspx Relatório de actividade do 2012/2013 - ISCTE-IUL

http://iscteiuul.pt/Libraries/GCI_Documentos_e_Formul%C3%A1rios/RelatorioAtividadesISC-TE-IUL2012.sflb.ashx